

**AS REPRESENTAÇÕES CÔMICAS NA IMPRENSA PIAUIENSE: A CHARGE
COMO FONTE DE INVESTIGAÇÃO. (Piauí, 1959-1962)**

Flávia de Sousa Lima
Mestranda pelo Programa de Pós Graduação em História da UFPE
flavia.limas@hotmail.com

O BURLESCO NA BIOGRAFIA E NA MEMÓRIA

A historiadora Áurea da Paz Pinheiro diz considerar, quando da produção de um texto biográfico, “[...] todos os documentos que podem ajudar a construir a Biografia e o Contexto da personagem” (PINHEIRO, 2002:17). No caso específico deste trabalho, privilegiam-se os registros e aspectos cômicos de Chagas Rodrigues, enquanto chefe do Executivo piauiense entre os anos de 1959 a 1962.

Os registros cômicos se caracterizam como formas possíveis de representação, onde a imaginação e os sentidos fluem e concebem o burlesco como parte integrante das inter-relações humanas. Segundo Henri Bérghson “[...] uma das condições para a fabricação do cômico é a ruptura com o tempo cronológico e o mergulho no tempo psicológico” (BERGSON apud SALIBA, 1998:306). Ainda para Bérghson, o “[...] cômico é todo arranjo de atos e acontecimentos que nos dê, inseridos uma na outra, a ilusão da vida real e a sensação nítida de uma montagem mecânica” (Idem. Id.).

Considerando que a “[...] memória só teria sentido em relação a um grupo e que o eu seria relevante enquanto parte de uma comunidade afetiva de um meio efervescente” (Op.Cit. 306), pode-se afirmar que a memória e a biografia estão relacionadas. O ponto chave que sustenta essa relação é o próprio sentido coletivo.

Estando a dimensão cômica “[...] mergulhada num tempo psicológico” segundo Bérghson e, levando em conta a relação que Jacques Le Goff faz entre memória e psicologia, afirmando que é “[...] um conjunto de funções psicológicas” (LE GOFF, 1994:425) que se manifesta na memória, pode-se entender que as representações burlescas são um fenômeno psicologicamente manifestado, por meio do qual a memória também se nutre.

A caricatura, que também servirá como um registro neste estudo, é entendida como uma “[...] representação plástica ou gráfica [...] é um desenho que, pelo traço, pela

seleção criteriosa de detalhes, acentua ou revela certos aspectos ridículos de uma pessoa ou de um fato” (FONSECA, 1999:17). Tem notadamente na sua forma pessoal adquirido uma acentuada aceitação nos meios de comunicação. Um número expressivo de atores sociais tem sido alvo desse tipo de representação, que na maioria das vezes serve de referência, de tal modo que a memória construída de Chagas Rodrigues se torna diretamente associada a essa representação.

Quando se vê os registros cômicos, especialmente de Chagas Rodrigues, nos jornais de 1962, depara-se com a idéia de que o riso, o parecer engraçado estava engajado no meio social. Essa comicidade esteve sempre presente na imprensa brasileira, desde tempos remotos da República, como um recorte permanente da atividade humana entre a esfera pública e privada. Elias Tomé Saliba, quando estuda a dimensão cômica da vida privada na República brasileira (SALIBA, 1998:306) descreve a inspiração de vários manuais que circulavam nas primeiras décadas do século XX, mostrando a criatividade de humoristas que de forma engraçada e ousada tentavam representar o Brasil.

O historiador e medievalista francês, Jacques Le Goff vê o riso como um fenômeno cultural e diz que “[...] ele exige pelo menos duas outras pessoas, reais ou imaginárias: uma que provoca o riso, uma que ri e a outra de quem se ri, e também, muitas vezes, da pessoa ou das pessoas com quem se ri” (LE GOFF, 2000: 65). Após a afirmação do autor é importante o leitor conhecer algumas características de Chagas Rodrigues, para compreender os motivos pelos quais o cômico esteve presente em sua vida pública. Veja-se:

Francisco das Chagas Caldas Rodrigues foi militante do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), chegando a vice-líder e presidente da Convenção Nacional do partido em 1964. Elegeu-se Deputado Federal em 1951, conseguindo reeleição por um período de vinte anos, até 1971, afastando-se somente por um triênio para exercer o Executivo piauiense, quando teve seus direitos políticos cassados por dez anos pelo Ato Institucional nº. 5, em 1968. Foi eleito senador para o mandato entre 1987 a 1995. No senado da república exerceu a vice-presidência em 1994.

Nas eleições de outubro de 1958, elegeu-se, simultaneamente, para os cargos de deputado federal e de governador do Estado, optando pelo executivo estadual. Chagas

Rodrigues assumiu o Executivo estadual em 31 de janeiro de 1959 e renunciou ao cargo em 03 de julho de 1962, para concorrer ao senado federal, deixando o vice-governador Tibério Barbosa Nunes no poder.

É aquele período e mandato de Chagas Rodrigues no executivo piauiense, no triênio compreendido entre 1959 e 1962, que se analisa a partir de agora.

Desde a posse do governador piauiense que as críticas ao seu governo foram fortemente presentes. Essas críticas eram veiculadas por vários meios, mas a ênfase maior foi em jornais da época. O governo trabalhista de Chagas Rodrigues sofreu duras críticas devido à sua ideologia político-partidária. O professor Simplício de Sousa Mendes (1882-1971), colunista no jornal “Folha do Nordeste”, tornou-se o porta-voz da crítica anti-trabalhista piauiense. Com um discurso entusiasmado e provocante, Simplício Mendes não economizava palavras áridas ao que chamava de “Chaguismo”.

Assim, não tardou aos adversários políticos o pronunciamento de que o Piauí deveria se livrar do “mal de Chagas”, uma alusão à patologia catalogada por Carlos Chagas, que se caracteriza pela transmissão por meio do mosquito popularmente conhecido por “barbeiro” ou “chupança” e que tem como sintoma um crescimento exagerado do coração. Observe a crítica do colunista do Jornal O DIA, Petrus Maurícus.

Urge sanear a política e higienizar os costumes. É necessário premunir o povo contra as endemias de todos os gêneros, notadamente defendê-los da perigosíssima ‘Doença de Chagas’- aquela que ataca a tireóide faz entumescer a garganta, preparando as ‘guelas’, os abocanhadores e os chupanças. Defendamos a nossa saúde contra os insetos criminosos que nos ameaçam com a ‘Moléstia de Chagas’ e que são: o ‘ barbeiro’, o guatério e o rolo.¹

É nesse contexto tenso entre imprensa e adversários políticos que se busca compreender esse governo. O discurso de Petrus Maurícus provoca as seguintes indagações: Teria o Piauí “Mal de Chagas”? A passagem de Chagas Rodrigues pelo

executivo estadual piauiense teria sido tão desastrosa a ponto de seus feitos ficarem guardados na memória dos seus conterrâneos como nódoa solene na sua personalidade?

Apesar da forte oposição e da delicada situação política nacional, o governo Chagas Rodrigues empreendeu uma política pautada na criação de uma infra-estrutura para o Estado. A CEPISA (Centrais Elétricas Piauí Sociedade Anônima), a AGESPISA (Águas e Esgotos Piauí Sociedade Anônima) e a COHEBE (Companhia Hidrelétrica de Boa Esperança) são obras implantadas por seu governo, bem como o SERSE (Serviço Social do Estado) e a Secretaria de Planejamento.

Eis uma das marcas registradas do governo de Chagas Rodrigues. O governador tinha o costume de nomear as obras realizadas com o próprio nome. Exemplo disso é o prédio “Chagas Rodrigues”, sede do DER (Departamento de Estradas e Rodagens), órgão implantado durante o governo. Percebe-se que se trata de um homem com visão futurista, preocupado em construir sua própria memória.

O DER, órgão de criação e fomento à infra-estrutura no setor rodoviário, foi um marco do governo, cujo primeiro diretor foi José da Silva Thé, engenheiro de projeção e habilidoso articulador político. No entanto, mal tinha assumido o cargo, as primeiras denúncias de corrupção afloraram e, Silva Thé, quando da sucessão governamental, foi acusado de permanecer com Chagas “levando o que ele tem de melhor: CR\$”, conforme revela a imagem a seguir.



Figura 1-DER ²

Lendo as mensagens de Chagas Rodrigues à Assembléia Legislativa³, pode-se considerar que em seu governo a prioridade estava pautada no desenvolvimento do Estado. Além do trabalho no gabinete, freqüentemente o governador visitava as

repartições e inspecionava obras e serviços. Empreendia viagens a várias regiões do território piauiense, com o propósito de inaugurar realizações de seu Governo. As viagens à capital da República e a outros estados tinham por objetivo conseguir junto às autoridades federais recursos para a adoção de medidas que fomentasse as obras públicas do Estado.



Figura 2-“Ligas Camponesas” “Não fume”⁴

Na administração de Chagas Rodrigues, as terras do Estado passaram a ser cedidas exclusivamente a trabalhadores rurais, sem a cobrança de qualquer taxa, aluguel ou renda. O “movimento operário” e o “movimento rural” recebiam a solidariedade e a ajuda do governo, por melhores condições de vida e de trabalho, pela implantação de uma ordem econômico-social mais justa para todos. Iniciativas como essas fizeram surgir a imagem de um governador “subversivo e comunista”, para a elite mais tradicional do Estado. A amizade que Chagas Rodrigues tinha com a liderança camponesa, principalmente com Chico Julião, tornou-o, segundo a imprensa “um discípulo de Chico Julião”. Não foi à toa que ficou conhecido como a “esquerda subversiva” no Piauí e o “Juliãozinho piauiense”

De certa forma, o governador era um daqueles políticos articuladores, dotado de uma singular sensibilidade negociativa. O comando da secretaria do Interior, Justiça e Segurança Pública do Piauí, era ocupado por Valter Alencar (1913-1972), dono da emissora “Rádio Clube de Teresina”, onde o chefe do Executivo apresentava às quartas-feiras o programa “Falando ao Povo”. O “populismo” trabalhista de Chagas Rodrigues era evidente e usufruía de uma propaganda suntuosa por meio daquela emissora de rádio e do jornal O DIA por ele arrendado em 1962. Segundo o jornalista A. Tito Filho havia “uma troca de gentilezas”⁵ entre Valter Alencar e Chagas Rodrigues.

Por isso, é possível que as idéias reformistas de Chagas Rodrigues definissem um estilo de governo antes desconhecido no Piauí, com mobilização popular e forte utilização da imprensa. O serviço de rádio instalada no Palácio de Karnak mantinha contato diário com as principais capitais inclusive com o Palácio do Planalto por meio da Estação Rádio do Exército. Em seu gabinete recebia sindicatos, associações e instituiu audiências populares aos sábados para atender as reivindicações. O serviço social do Estado mostrou-se interessado em ajudar as pessoas mais necessitadas.

No período de 1959 a 1962, o governo de Chagas Rodrigues trouxe um discurso de empreendimento, a sua administração julgava necessário e oportuno o discurso do progresso do Piauí. Quando se começou a estudar o ano de 1961 e 1962, viu-se um novo discurso, algo comum a qualquer governante, que buscava mostrar resultados e realizações, fazendo comparações com outros governos da história piauiense. Era necessária a construção de sua memória enquanto chefe do executivo. Os traços cômicos foram mais acentuados naquele momento.

ALIANÇAS E CONCHAVOS POLÍTICOS

Considerando o que foi descrito acima, o discurso de Chagas Rodrigues a partir de 1961 passou a ser mais radical. No sentido de que enquanto durou a coligação PTB com a UDN, o governo sempre esteve na ofensiva política. Só que os enfrentamentos começaram quando assumiu uma posição mais aberta a favor da reforma agrária.

Em 1960, com a campanha presidencial, as oposições diferentes do PTB e da UDN não criaram transtornos à coligação. O próprio Chagas Rodrigues, no início da campanha, afirmava que o fato não constitui empecilhos para que continuasse no Estado a política de união e de coligação entre PTB-UDN. Veja-se as palavras de Chagas Rodrigues ao jornal Folha da Manhã.

Posso afirmar que a coligação PTB-UDN, no Piauí, está hoje mais forte do que nunca e muito em breve esse sistema estará ainda mais

fortalecido, o que vale dizer com a sua invencibilidade plenamente assegurada.⁶

A partir da citação, vê-se a esperança que o governador depositava na coligação, principalmente que continuasse até a sua futura candidatura à câmara do senado, pois dependendo do PTB, manter-se-ia o acordo com a UDN. Esse acordo acabou sendo quebrado com o processo sucessório, que provou a ruptura da coligação governista.

A disputa pelo poder político e partidário no Piauí permanecia evidente para alguns deputados do PSD. Participantes de uma estratégia política, o PTB disputava a posição para a sucessão a governador e duas suplências no senado. O lugar de vice-governador seria para o PTB e o outro lugar de senador entraria em negociação com a dissidência da UDN.

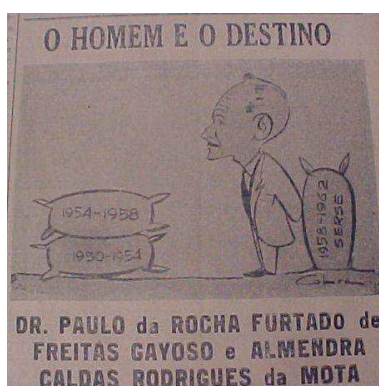
Para a escolha do candidato ao governo, foi feita uma reunião de grupos pessedistas na residência do general Gayoso, então governador do Estado. Como consequência surgiu a lista de possíveis nomes para governador que deveria ser encaminhada à Executiva do PTB. A lista possuía vinte nomes, dentre eles: Laurentino Pereira (1912-1975) e Constantino Pereira de Sousa.



Figura 3-“Sebastião Leal:- Laurentino, vem cá, nãourras tanto”⁷

Aquele momento, 15 de fevereiro de 1962, causou um extremo conflito entre alguns partidários pessedistas, que não foram convidados para a reunião na residência do senhor Gayoso e cujos nomes também não estavam na relação enviada ao PTB. Dentre os que estavam fora da lista, encontravam-se: Sebastião Leal (1925), Clímaco de Almeida (1910-1996), Antonio Freitas (1894-1963). Os políticos locais consideraram o fato uma provocação, que poderia causar uma cisão definida na então conjuntura

política do Piauí. O personagem principal dessa disputa pelo poder partidário encontra-se na figura do parlamentar Sebastião Leal, reivindicando seus direitos partidários, junto ao deputado Laurentino Pereira.



**Figura 4- →1954-1958 →1958-1962 →1930-1954 (SERSE)
“Dr. PAULO da ROCHA FREITAS GAYOSO e
ALMENDRA CALDAS RORODRIGUES DA MOTA “8.**

A conjuntura política piauiense, representada por grandes nomes da elite, passou de forma descendente, o apetite profundo pelo poder. Isso se torna visível na charge acima, pois as coligações e as disputas por posições privilegiadas no governo reuniram vários nomes importantes da sociedade piauiense. Como em todos os jogos de poder, a soma de ilustres parlamentares e personalidades da política local, não poderia estar fora daquele badalado governo de 1959/62. Principalmente quando vemos um emaranhado de nomes que, formando grupos diversos, mais parece um só.

Depois de renunciar ao cargo de governador, em 03 de julho de 1962, Chagas Rodrigues continuava na disputa pelo poder. Disputava uma cadeira no senado e seu candidato a governador, o pessedista, Constantino Pereira da Silva, buscava o apoio integral do próprio partido para eleger-se ao cargo executivo estadual.

Os papéis foram invertidos, Constantino Pereira teria a missão de levar os ideais trabalhistas ao governo do Estado. A imprensa continuou fazendo alusão às Ligas Camponesas, mas agora outro personagem se destacava: as “ligas do Constantino”.

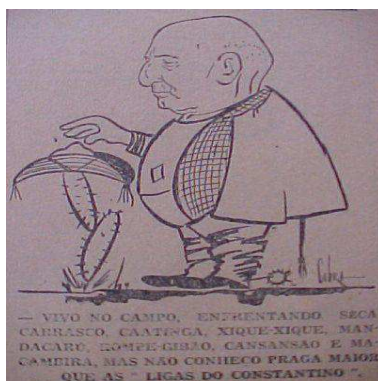


Figura 5-Vivo no campo enfrentando seca, cabresto, caatinga, xique-xique, mandacaru, pompe-grão, cansansão e macambira, mas não conheço praga maior que as “Ligas do Constantino”⁹

O governador Chagas Rodrigues, aliado a uma parte da UDN e a outra do PSD, estava com problema de legenda. Assim é que, diante dessa problemática de aliar-se a um ou a outro partido político, ficou preocupante para as lideranças partidárias a aceitação de Chagas em uma das camadas políticas. Além disso, havia a representação variável da imagem do ex-governador, vista de forma não confiável por seus adversários políticos. A máscara ou a real presença de Chagas Rodrigues poderia causar tormentos e discussões no meio partidário, pois a sua imagem estava caracterizada por variações ridículas e deficientes na sociedade piauiense.



Figura 6-Vou acabar com o PSD Josué, só com esta máscara. O conselho é do Bauman¹⁰

No periódico, Folha do Nordeste de 10 de março de 1962 evidencia-se uma dessa variação de imagem, satirizada na figura do “Arlequim político”. Um personagem carnavalesco, de múltiplas máscaras. Chagas Rodrigues era a peça principal dessa simbologia, onde a sua presença representava o rompimento de alianças e acordos entre partidários. Contudo, vemos que, mesmo tendo o apoio das classes camponesas e com um discurso de caráter socialista, Chagas Rodrigues não conseguiu a cadeira no senado, nem tão pouco conseguiu fazer seu sucessor no Executivo estadual.

Um balanço geral do governo permite concluir que a política piauiense, às vésperas da implantação do regime militar em 1964, passava por acirradas disputas e conchavos políticos. Depois de se estudar o governo de Chagas Rodrigues numa dimensão cômica, pode-se analisar melhor a seguinte frase do jornalista Olympio Costa.

Quando arrefecerem os entrechoques e as lutas quotidianas, o historiador recolherá as lições do governo do Sr. Chagas Rodrigues. É cedo para julgá-lo, embora tarde não seja para adverti-lo. Nesse primeiro ano, se houver acertos o futuro dirá; os erros já estão registrados, mas podem ser consertados.¹¹

Espera-se ter evidenciado e esclarecido, por meio de uma abordagem que se intitula cômica, um panorama geral do governo de Chagas Rodrigues.

A imprensa jornalística começou a tornar cômico o personagem Chagas Rodrigues. As charges vieram representar essa imagem humorística do governo, principalmente quando elas figuram um “Juliãozinho piauiense”, representante da “esquerda-subversiva” no Piauí. Pensar um governo que foi relacionado ao “mal de Chagas” na perspectiva de vê-lo como moléstia, estimulou a problematização de vários acontecimentos de 1959 a 1962.

Esse foi o objetivo desse estudo preliminar. Tentar levar ao leitor uma forma de investigação pelos traços cômicos. Conhecendo mais sobre o governo, numa trama das relações políticas na agitada arena política dos anos sessenta do século passado.

NOTAS

¹ PETRUS MAURICIO. O DIA. Teresina, 31 ago. 1958, Ano VIII, n. 594, p.01

² FOLHA DO NORDESTE, Teresina, 04 mar 1962, ano I, n 41, p.06.

³ Mensagem do governador, Francisco das Chagas Caldas Rodrigues, à Assembléia Legislativa, em 01.06.1961 {caixa 11-envelope125-[duplicada] Arquivo Público do Piauí.

⁴FOLHA DO NORDESTE, Teresina 02 fev 1962, ano 1, n. 15, p.01.

⁵ A. TITO FILHO. O DIA. Teresina, 07 fev 1960, Ano X, n 744, p.06

⁶ FOLHA DA MANHÃ, Teresina 20 nov 1960, Ano IV, n 852, p.01

⁷ FOLHA DO NORDESTE, Teresina 02 fev 1962, ano 1, n15,p.01

⁸ FOLHA DO NORDESTE, Teresina 18 mar 1962, ano 1, n 29, p.01.

⁹ FOLHA DO NORDESTE, Teresina 08 abr 1962, ano 1, n 68, p.01.

¹⁰ FOLHA DO NORDESTE, Teresina 25 fev 1962, ano 1, n 35, p.01.

¹¹ OLYMPIO COSTA. O DIA. Teresina, 31 jan 1960, Ano IX, n 742, p.01.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, Orlando M. Os Partidos nacionais e as eleições parlamentares em 1958. In: *Revista Brasileira de Estudos Políticos*. Abril, 1960.

CASTRO, Francisco Ferreira de. A Campanha eleitoral de 1958 no Piauí. In: *Revista Brasileira de Estudos Políticos*. Abril, 1960.

FONSECA, Joaquim da. *Caricatura: a imagem gráfica do humor*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: *História e Memória*. 3. ed. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 1994.

----- . O riso na Idade Média. In: BREMMER, Jan ROODENBURG, Herman(orgs.). *Uma História Cultural do Humor*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

PINHEIRO, Áurea da Paz. Notas Sobre História, *Memória e Biografia*. Teresina: EDUFPI/DHG, 2002. (Publicações Avulsas).

SALIBA, Elias Thomé. A dimensão cômica da vida privada na República. In: NOVAIS, Fernando A. (Coord.); SCHWARCZ, LÍlian Moritz (Org.). *História da Vida Privada no Brasil: Contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, V.4.